

ALGUNS MARCOS NA EVOLUÇÃO HISTÓRICA E SITUAÇÃO ATUAL DE EXU NA UMBANDA DO RIO JANEIRO

P. VALDELI CARVALHO DA COSTA
sj. da Pontifícia Universidade Católica — R. J.

Nas visitas aos terreiros de Umbanda temos verificado as profundas modificações que vai sofrendo o primitivo orixá nagô Exu. Tentando conhecer o progresso evolutivo e explicar-lhe a complexidade atual, tomaremos como marcos históricos três autores distanciados diacronicamente. Fixaremos as características de Exu em algumas obras de Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Roger Bastide, antes de passarmos à análise de Exu na Umbanda carioca.

I — *Evolução Histórica*

A. NINA RODRIGUES

Em 1896 Nina Rodrigues nos dá a primeira informação a respeito deste orixá nagô, no seu "Animismo Fetichista", publicado inicialmente em parcelas na *Revista Brasileira*, tomos VI e VII, e, posteriormente, traduzido para o francês, sob o título *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*; publicado em 1900.

Na edição portuguesa da obra num só volume, nos fala de Exu como "divindade adversa ou pouco propícia aos homens. Exu Bará ou ELEGBARA (na edição de 1935 vem escrito "ESU", com uma nota informativa sobre o som "x" que tem o "s" da palavra) é o santo ou orixá que os africanos tem grande tendência a confundir com o diabo". Acrescentando:

"no entanto, sou levado a crer que esta identificação é apenas o produto de uma influência do ensino católico" (Nina Rodrigues, *O Animismo Fetichista*, 39-40).

Nesta primeira referência Exu se apresenta com caráter "malévolo", "*adverso ao homem*" havendo a "*tendência a con-*

fundi-lo com o diabo" pelos negros, mas que para Nina parece ser uma identificação superficial, fruto do ensino católico.

Em *Os Africanos no Brasil* informa que "Elegba, Elegbará, ou Exu, é uma divindade fálica que os nossos negros, graças ao ensino católico, está quase de todo identificado com o diabo" (Nina Rodrigues, o.c.339).

Exu, por seu caráter fálico, é posto em relação com Obatalá e Ifá. Divide com eles a divinização da fecundidade e das funções reprodutoras. "Enquanto (...) Obatalá preside ao desenvolvimento da criança no útero materno, cabe a Ifá o ato mesmo da fecundação. A Elegbá pertencem mais particularmente os prazeres sensuais, a luxúria". (Nina Rodrigues o.c. 329).

O aspecto erótico de Elegbá aparece igualmente nos seus ídolos, como nos dois que um pai-de-terreiro nagô cedeu a Nina para fotografar:

"dois ídolos ou figuras jejes de ELEGBÁ, que ele não sabia bem o que representavam. Eram, todavia, dois ídolos perfeitos em bronze, um de cada sexo. Corpo comprido, pernas muito curtas, boca rasgada até às orelhas, *volumosos órgãos sexuais, longos peitos pendentes na mulher*" (Nina Rod. o.c. 343-44).

Observa contudo, Nina, que "Elegbá ou Echu (...) cada vez perde mais o caráter exclusivamente fálico" em favor do caráter maléfico, de princípio do mal, em oposição dualista ao princípio do bem, personificado em Obatalá. (Nina Rod. o.c. 339).

Assim, nestas duas obras de Nina, Exu, identificado com o Elegbá jeje, aparece como:

- a) — Entidade maléfica, personificação progressiva do princípio do mal;
- b) — Entidade de caráter fálico, caráter este, em vias de desaparecimento.

B. ARTHUR RAMOS

Arthur Ramos também, em 1934, quando publica *O Negro Brasileiro*, refere-se a estes dois aspectos de Exu: "malévolo" e "fálico" ao enumerá-lo entre os "orixás":

"Exu é outro "orixá". É o representante das potências contrárias ao homem. Os afro-baianos

assimilam-no ao demônio dos católicos; mas, o que é interessante, temem-no, respeitam-no (...) fazendo dele objeto de culto" (A. Ramos, o.c.40).

Mais adiante repete:

"Exu, orixá malfazejo, tornou-se o diabo dos católicos, na Bahia como no Rio de Janeiro" (A. Ramos, o.c. 138).

Quanto ao aspecto fálico:

"Exu é uma divindade fálica, que na África exigia sacrifícios humanos e no Brasil se contenta com animais 'tidos por tipos de satyriasis', como anota Nina Rodrigues". (A. Ramos, o.c. 41).

Em *O Negro na Civilização Brasileira* e *A Aculturação Negra no Brasil*, este último publicado em 1942, refere-se apenas ao caráter maléfico de Exu. Não acena ao caráter fálico ou ao *sincretismo com o diabo*:

"Exu é o representante dos poderes maléficos. Mas, como acontece nas religiões primitivas, é objeto de culto. Os negros brasileiros temem-no e respeitam-no e nada fazem, nas cerimônias rituadas, sem os despachos prévios de Exu". (A. Ramos, *O Negro na Civ. Bras.*, 100; *A Acultur. Neg.*, 147).

Em 1943, quando saiu o primeiro volume da sua *Introdução à Antropologia-Brasileira*, depois de tentar dar a explicação da origem da palavra Exu, volta a falar do *sincretismo com o diabo*, e dá uma nova informação, que nos interessa especialmente, sobre a personalidade de Exu, para os adeptos dos cultos afro-brasileiros: "para os seus crentes, ele (EXU) não é malévolo".

"Exu (eshu), palavra que parece derivar-se de "shu", "escuridão", é um orixá que mesmo antes de chegar ao Brasil, já havia sido *assimilado ao diabo* pelos missionários católicos. Realmente, é uma poderosa entidade, dotada de *poderes maléficos* especiais, embora os negros africanos lhe prestem culto, como aos outros orixás. É chamado também ELEGBARA, ELEGBÁ, nome de origens daomeanas. Para os seus crentes, ele não é malévolo". (A. Ramos, o.c., 341).

Ao se referir ao caráter *fálico*, reporta-se às pesquisas do Coronel Ellis, e como característica desaparecida, no momento que escrevia:

“Ellis descreveu esse orixá como uma divindade *fálica* a quem se faziam *outrora* sacrifícios humanos, em ocasiões especiais”. (A. Ramos, o. c., *ibidem*).

Vemos no período decorrente entre a obra de Nina e A. Ramos algumas notas de evolução de personalidade de Exu:

1. — *O caráter fálico* que em Nina já está em vias de desaparecimento, em A. Ramos já aparece como atributo desaparecido;
2. — A permanência do *sincretismo com o diabo* do cristianismo popular;
3. — Um começo de *rejeição desta identificação* de Exu com o diabo, como ser intrinsecamente mau.
4. — A permanência em considerá-lo como um “orixá”, nem sempre bem explicado o grau de identidade com os demais orixás, já que lhe é atribuído, por natureza, um caráter maléfico. Como veremos mais adiante, a consciência desta *idiosincrasia* de Exu, por parte dos adeptos da Umbanda atual, vai tentar reajustar a figura de Exu na hierarquia dos orixás.

C. ROGER BASTIDE

Em 1945, Bastide publica *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto*, onde nos dá a conhecer o fruto de suas pesquisas sobre os cultos afro-brasileiros no Nordeste e a etapa de desenvolvimento em que se encontravam naquela região.

Constata a *continuação da assimilação de Exu ao diabo* do catecismo cristão, observando:

“Isso fez (Exu) perder alguns de seus caracteres primitivos, pelo menos, os que tinha entre os *dao-meanos*, o de divindade *fálica*, para tomar cada vez mais um caráter demoníaco, continuando a tendência no sentido de um dualismo que NINA RODRIGUES (observara) no seu tempo, a oposição entre o bem, encarnado em OBATALÁ, e o mal, encarnado em EXU, e que vemos prosseguir

até nossos dias, pelo lugar preponderante que Exu ocupa na magia negra". (R. Bastide, o.c., 113).

Contudo, já verifica uma forte reação à assimilação de Exu ao diabo:

"a maior parte de meus informantes protestava fortemente contra a sua assimilação ao diabo".
"Alguns chegaram mesmo a defini-lo como uma espécie de anjo-de-guarda" (R. Bastide, o.c., 114).

Analisando a ambivalência do caráter de Exu, que lhe parece visível no mito de Exu, filho retardado e turbulento do rei do Congo, irmão de Xangô e Ogum (R. Bastide, o.c., 115), constata que a assimilação de Exu ao diabo:

"não podia deixar de desnaturar seu caráter primitivo. E é por isso, que a tradição se opunha a isso, que no Rio chegou-se a distinguir dois tipos de Exu, os maus, ou pagãos e os bons ou batizados" (R. Bastide, o.c., 115-6).

Como veremos adiante, esta constatação de Bastide, não só se conservou no Rio, mas se desenvolveu. É uma referência importante, pela evolução posterior, atualmente verificável, na Umbanda carioca.

Na mesma obra, de passagem, Bastide dá uma nova nota, que começa a ser assimilada à figura de Exu. Esta nova nota merece todo destaque pelo desenvolvimento futuro, pois ela tentará inserir totalmente em sua forma a figura de Exu, chegando, presentemente, a ser quase a espinha dorsal da personalidade de Exu na Umbanda. Refiro-me à identificação de Exu com alma de pessoa perversa falecida.

Esta aproximação e progressiva assimilação é fruto da difusão, entre o povo, das idéias espíritas, como o próprio Bastide notara:

"durante minha viagem ouvi contar, por uma mãe pequena, a história de um indivíduo, mau filho, mau irmão, mau esposo e mau pai, que depois da morte, descera como Exu" (R. Bastide, o.c., 113).

Do retrançado de fios com que o povo tentava tecer a figura de Exu, procurou Bastide ressaltar os desenhos mais significativos:

- 1 — *Exu-orixá*, da mesma natureza que todos os outros, com suas histórias e suas aventuras como Oxalá e Iemanjá.
- 2 — *Exu-alma dos suicidas ou assassinados*, que se tornam “ara-ouroum” ou Leba (termo daomeano para Exu: Elegba) ou Exu. São estes Exus fantasmas lívidos, que aparecem durante a noite e percorrem a terra assustando os vivos.
- 3 — *Exu-espécie de anjo-da-guarda*, baseado nas informações que “todos possuem um Exu e vários Ibeji, além do orixá que pode nos visitar”.
- 4 — *Exu-acompanhante de todo orixá*, fundado em que “todo orixá tem o seu Exu”, na linha de uma tradição daomeana, onde todo vodum, isto é, todo orixá tem seu Elegba. Neste nível, Exu seria “uma força mística escondida (...) uma espécie de fragmentação e de individualização do mana disperso pelo Universo”. (R. Bastide, o.c., 132-34).

Em 1953, no III fascículo de *Estudos Afro-Brasileiros*, Bastide se dá conta que Exu, considerado como “orixá”:

“não é bem uma divindade, é originariamente um intermediário entre os deuses e os homens, uma espécie de embaixador ou de mensageiro, o Hermes africano” (R. Bastide, o.c., 103).

A diferença de natureza, que distinguia Exu dos demais orixás, se explicita. Exu vai deixando de ser considerado como um orixá, descendo à categoria de intermediário, de mensageiro. Nesta fase, ainda não perdeu totalmente o caráter de orixá. Talvez possa ser considerado como um orixá de segundo plano, como Íris no panteão grego.

Neste mesmo estudo, Bastide faz um outro ajuste ao caráter de Exu, “*ser intrinsecamente mau*”, a “personificação do mal”. Verifica que a reação popular à simbiose de Exu com o diabo valeu a Exu um abrandamento da conotação “malévola”. Observa que “Exu não é mau; é como todas as divindades, ambivalente, podendo fazer tanto o mal como o bem” (R. Bastide o.c., 103-4).

Finalmente, em *Les religions africaines au Brésil* faz uma síntese, onde pondera os diversos aspectos da figura de Exu, estudada ao longo dos anos.

Em primeiro lugar, assinala que absolutamente não deve ser identificado o Legba daomeano com o Exu iorubano.

Ainda que o caráter fálico de Legba se encontre em parte em Exu, no país iorubano não há a mímica coital por ocasião das festas de Exu. No Brasil, em certa medida, existe este falismo de Exu, presente na idéia de Exu presidir ao ato sexual.

Dos outros traços do Exu africano: — 1. deus condutor, intermediário entre os dois mundos, mensageiro das orações dos homens; 2. divindade de orientação, através da abertura e fechamento dos caminhos; 3. divindade trapaceira, e que encontra suas delícias em instaurar a confusão nas assembleias, embora protetor dos que lhe dão de comer e o respeitam; 4. patrono dos feiticeiros — assinala que estes traços passaram ao Brasil, uns se desenvolvendo mais que outros.

Por causa da luta dos negros contra os brancos, o caráter de patrono da feitiçaria sobrepujou o de mensageiro dos orixás. O deus trapaceiro tornou-se cruel. Um deus que envenena e enlouquece, mostrando-se protetor e amigo só para os seus fiéis negros. A tendência dos negros escravos de acentuar o caráter maléfico e vingativo de alguns orixás, como Ogum, Omulu, Xangô, Exu, que deveria ter cessado com a abolição da escravatura, permaneceu, devido às perseguições da polícia aos terreiros de Candomblé, Xangô e Macumba.

A rapidez das modificações introduzidas na fisionomia de Exu, não sendo igual para todas as “nações” africanas residuais no Brasil, nos permite ainda encontrar na “nação” keto a imagem de “Exu, intermediário dos orixás”, que fala através do jogo-de-búzios; Exu, “divindade de orientação”; Exu, “trapaceiro”. Entre as nações bantos, onde a magia sempre fora mais desenvolvida, o elemento demoníaco cresceu sem cessar, chegando a triunfar na macumba carioca” (R. Bastide, o.c., 350-52).

... Nesta obra, Bastide já anota o nascimento da Umbanda, como esforço dos negros em tornar o seu culto mais aceito pelos brancos e mestiços que vão progressivamente a ela aderindo. Realizam os umbandistas um esforço de depuração da Macumba, tornando-se esta hoje sinônimo de Quimbanda.

O ocultismo e espiritismo ganham cada dia maior força no novo sincretismo umbandístico, com reflexo natural sobre a personalidade dos orixás. A figura de Exu já começa a ser explicada como a “força cósmica negativa”, que conduz à materialidade, em oposição ao “lado positivo” do orixá, que conduz à espiritualidade (Cf. Bastide, o.c., 451).

Assim, de Nina a Bastide a figura de Exu foi passando de:

- 1 — *Orixá*, ao nível dos demais, rebaixado pouco a pouco para mensageiro dos orixás;

- 2 — *Divindade fálica*, em vias de desaparecimento;
- 3 — *Divindade maléfica sincretizada com o demônio*, progressivamente diferenciada deste, mas conservando o *caráter trapaceiro*, mais ou menos acentuado, segundo o estado de tensão entre negros e brancos;
- 4 — *Identificação de Exu com alma-de-morto* (egum) assassinado;
- 5 — “*Força mística difusa*” acompanhante de todos os homens e orixás, e que Bastide chama de “*espécie de anjo-da-guarda*”.

II — *Situação atual de Exu na Umbanda do Rio de Janeiro*

Esta rápida vista da evolução apresentada por Exu foi necessária para uma melhor compreensão de seu polimorfismo atual.

Exu hoje é uma das figuras mais complexas atuantes nos terreiros de Umbanda. Diversos traços de sua figura, tendentes a desaparecer, foram reavivados, como é o caso do aspecto fálico, outros se conservam reforçados com novas cores, enquanto cada dia lhe vão sendo dadas novas demãos com pigmentos tirados das mais diversas doutrinas

a) — *Exu-anjo decaído*

A primeira faceta com que se apresenta atualmente Exu denota a continuidade do questionamento da simbiose de Exu com o diabo.

Na fronteira da incerteza, entre outros se alinha o autor umbandista Aluizio Fontenelle:

“querem (...) alguns autores ou mesmo alguns praticantes do espiritismo, denominar de Exus, todos os demônios que sob a chefia de Lúcifer, ou Satanás, tomaram parte na luta contra os anjos bons” (A. Fontenelle, *O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda* 177).

O pai-de-santo Renato Meira, da nação Omolocô, com terreiro à Rua Taquarichim, n.º 541, em Rocha Miranda, rejeita categoricamente a identificação de Exu com o diabo:

“Exu não é diabo. Exu não tem chifres. Em minha nação, achamos que a questão não está bem situada em alguns terreiros.

Não concordo, portanto, com essa invenção de se colocar chifres em Exu, e chamá-lo de diabo” (R. Meira, *Gil Brandão Modas*, 18/X/1970 — 2.º cad., p.2).

Já o pai-de-santo Nilo P. de Rezende Maia, do Templo Umbandista da Legião Espiritualista de Assistência Social, em Botafogo, entre outros esclarecimentos dados sobre a personalidade de Exu, descreve-o também como um “anjo rebelde” na esteira da doutrina cristã. Na aula ministrada aos médiuns do seu terreiro no dia 5/X/1970 emparelhou Lúcifer, capeta, Anjo-Belo, tihoso, como sinônimos de Exu.

Em conversa anterior, dera-me a mesma explicação, perlustrando as notas pessoais, que usava para formar no ritual umbandístico os médiuns do 2.º e 3.º grau do seu terreiro. Dizia-me:

“a palavra Exu foi pronunciada por Deus na ocasião da revolta havida no céu entre os anjos, que faziam parte da Suprema Corte do Céu. Lúcifer, o Anjo-Belo, pretendendo a supremacia dos direitos que lhe outorgara o Criador, como chefe supremo dos seus subordinados, julgou-se com direito de ser maior que o próprio Deus. Por essa ocasião, foi-lhe dado o nome de Exu, que quer dizer “povo traidor”. Enxotado do Astral, foi condenado a habitar as profundezas da terra, tornando-se este o seu reino. Lúcifer foi expulso do céu com todos os seus comandados...”.

A doutrina sobre a luta dos anjos bons contra os maus, seguidores de Lúcifer e sua precipitação do céu sobre a terra, que o pai-de-santo tomou para a sua identificação de Exu com Lúcifer, foi tirada da tradição bíblica do Antigo e Novo Testamento. A doutrina bíblica vem aderente à ganga das idéias pessoais do pai-de-santo: — “palavra Exu pronunciada por Deus”; “foi-lhe dado o nome Exu, que quer dizer povo traidor”. A doutrina esotérica: do “Astral” — espaço interestelar, onde vagueiam os espíritos, identificado com o conceito de base bíblica da “corte suprema do céu”.

O conceito neotestamentário de *céu* não é localizável no espaço sideral, mas goza de dimensão a-física e a-temporal. Pertence à dimensão transcendente, inerente a tudo que diz respeito a Deus. O céu, na revelação cristã, se realiza onde houver visão de Deus, face-a-face (I Jó.3,2). Nele os bem-

aventurados contemplam e amam a Deus, graças ao dom da "luz da glória", infuso por Deus, que eleva do plano natural ao sobrenatural as potências interiores da inteligência e da vontade dos Bem-aventurados, tornando-os aptos para conhecer e amar a Deus na Trindade de Pessoas e unidade de Natureza comum ao Pai, Filho e Espírito Santo.

Os anjos rebeldes nunca viram a Deus. Nem antes da prova, nem, muito menos, depois. A contemplação e amor a Deus, foi prêmio concedido por pura bondade de Deus, apenas aos anjos fiéis.

A expressão "participação da Corte suprema do céu" tem teologicamente a conotação de visão de Deus face-a-face. O pai-de-santo, pondo Lúcifer e comandados na corte suprema do céu, dá a impressão, a quem o ouve, que Lúcifer se teria rebelado contra Deus tendo-o já contemplado face-a-face, o que é um erro. Mas com todos os erros, está clara a doutrina bíblica nesta formulação, para o nosso estudo, do caráter de Exu.

b) — *Exu-alma*

Outra tendência marcante no seio da Umbanda atual é identificar Exu com "alma de pessoa falecida". Já Bastide o observara, como notamos atrás. Alguns pais-de-santo lutam contra esta assimilação, acentuando a dicotomia entre Exu-Orixá e Exu-alma.

O pai-de-santo Renato Meira dizia recentemente, numa entrevista concedida ao jornal feminino *Gil Brandão Modas*:

"Há o *Exu-coroado* e o *Exu-batizado*. O primeiro é orixá, pois não teve corpo físico, enquanto que o segundo possuiu corno, encontrando-se, todavia, com um alto grau de esclarecimento e de luz. Não confundam Exu com Egum. Os nomes são parecidos, mas as entidades são diferentes nos trabalhos, e os lugares deles no Reino dos Encarnados não são os mesmos. As entidades ou espíritos perturbadores são os Eguns e não os Exus. Exu tem uma missão toda especial" (Renato Meira, *Gil Brandão Modas*, 8/novembro/1970, 1.º cad. p.4).

Esclarecendo a noção de Exu-coroado e exu-batizado, acrescenta:

"Exu é um orixá (espírito divino), mais precisamente, o irmão *mais novo de Ogum* e Exu-Bati-

zados são os eguns, ou espíritos desencarnados que, na Umbanda recebem os nomes de “Tranca-Rua”, “Caveira”, “Mulambo”, etc.

A declaração do pai-de-santo, procurando separar as características de Exu, contra a fusão com Egum é-nos interessante, pois toca em diversos pontos que nos importam particularmente, para a análise da evolução da personalidade de Exu.

Em primeiro lugar nota-se o esforço por separar em Exu o que resta do primitivo caráter de orixá, da confusão, que os novos adeptos da Umbanda vão fazendo de Exu com Egum (alma de pessoa falecida).

O Exu-orixá é denominado “Exu-coroado”. O Exu-alma ou Egum é chamado “Exu-batizado”. O conceito de “batizado” para Exu-egum, é equívoco na Umbanda atual. Alguns pais-de-santos com o termo “batizado” querem indicar a investidura em um grau hierárquico dos escalões de espíritos do além-túmulo; outros, com o mesmo termo, querem significar pessoas que morreram, tendo recebido, em vida, o batismo cristão, isto é, foram “batizadas”.

Aqui, nesta entrevista, o termo “batizado” é assumido no segundo sentido. A investidura em determinado grau de hierarquia *post-mortem* é designada com o termo “coroados”.

Além da diferença de termo, os dois têm uma distinção ontológica. Um é orixá, o outro, um Egum. Mas o uso do termo “Exu” para os dois, indica que o Egum, alma de pessoa falecida, já está sendo considerado e aceito como uma categoria de Exus. É um Exu diferente do Exu-orixá. Distingue-se deste por ter possuído um corpo físico, ter sido uma pessoa humana, que após a morte se transformou em Exu. Nesta aglutinação do Egum ao Exu, a característica ladina de Exu se acentuou para maléfica, passando do Exu para o Egum: “Ao Egum” compete a perversidade, não ao Exu. Este, o Exu-coroado, encontra-se com alto grau de esclarecimento e de luz. Com esta expressão do espiritismo-kardecista, que mostra quão avançada já vai a penetração do Kardecismo dentro da Umbanda, quer o pai-de-santo indicar a posição atual ocupada pelo Exu-Coroado dentro dos escalões hierárquicos do panteão além-tumular da Umbanda.

Outro ponto acenado pelo pai-de-santo que nos interessa é a referência ao mito do Exu-orixá, filho caçula do rei do Congo, irmão mais novo de Ogum, aludido por Bastide, como presente nos terreiros nordestinos (R. Bastide, *Imagem do Nordeste...*, 115). A citação do mito vem-nos mostrar que este também é conhecido no Rio, conservando-se vivo nos terreiros do rito Omolocô.

O terceiro ponto importante acenado pelo pai-de-santo com os nomes vulgares de exus que se apresentam nos terreiros: "Tranca-Rua", "Caveira", "Mulambo", mostra já estar havendo um início de classificação das diferentes denominações de Exus que "*baixam*" para dar "consultas" nos terreiros. Todos sendo postos na categoria de Exu-Egum, Exu-alma ou Exu-batizado.

Estas denominações dos Exus e sua classificação feita por este pai-de-santo merecem uma ressalva. Variando de um terreiro para outro, a mesma denominação de Exu poderá ser incluída entre os "Exus-alma-com-luz" ("Exu com alto grau de esclarecimento e de luz") ou "*Exu-alma-perversa*", conforme o terreiro seja de Umbanda ou Quimbanda; conforme trabalhem no que os umbandistas chamam de "Magia Branca" ou "Magia Negra".

Veremos, mais adiante, que também nesta classificação dos Exus, teremos de introduzir mais uma divisão devido à assimilação pela Umbanda do processo purificador de alémtúmulo, tomado ao espiritismo kardecista. Entre os "*Exu-alma-perversa*" e os "Exus-alma-com-luz" surgirão os "*Exustraçados*", — "*Exu-traçado-com-Preto-velho*" e "*Exu-traçado-com-Caboclo*".

c) — *Exu-empregado dos orixás*

O terceiro perfil de Exu segue a escola do autor umbandista Francisco Xavier da Silva. Exu, não tido mais como orixá, mas como empregado, *serviçal dos orixás*.

Bastide em 1953 (*Est. Afro-Bras.* III, 103) e Verger em 1955 já haviam aludido a este bosquejo popular da figura de Exu. (Cf. P. Verger, *Première cérémonie d'initiation au culte des Orichas Nagô à Bahia au Brésil, Rev. do Museu Paulista*, nova série 9 (1955) 269-91).

Tive a confirmação deste terceiro matiz da personalidade de Exu em uma conversa com os pais-de-santo Nilo Maia e senhora, no terreiro deles. À minha pergunta:

— O Exu é um orixá, ou o que ele é?

veio-me a resposta, dada pela senhora dele, a mãe-de-santo do terreiro, D.^a Nadir, e complementada pelo pai-de-santo:

Nadir: — "Não. O Exu é uma entidade, que ele é um mensageiro dos orixás".

Nilo: — "É um empregado dos orixás".

Nadir: — “Ele é mensageiro dos orixás. Por exemplo, o Sr. vem fazer um pedido ao orixá:

— “Na minha casa está uma perturbação, uma confusão. Não sei mais o que é que vou fazer lá. Já fiz tudo”!

“Aí o Caboclo diz assim:

— “Pode deixar comigo”.

“Então, que ele faz? Quem é que vai limpar isso?”

“É o Exu”.

Nilo: — “Porque o Orixá não faz”.

Nadir: — “O Exu é quem vai lá limpar o que tiver lá. E muitas vezes traz pro terreiro ...”.

Perguntei:

— Mas vai limpar o quê?

Nadir: — “Qualquer coisa: Uma perturbação, uma pessoa que tenha um perturbador, uma perturbação que esteja lá, um sofredor”.

E concluía:

Nilo: — “Porque o Exu nada mais é do que um empregado das entidades. (Entenda-se aqui que “entidades” não são apenas os “orixás” nagô, mas almas de Pretos-Velhos, e de índios falecidos e que incorporaram nos médiuns para os “trabalhos” de Umbanda, isto é, o atendimento das pessoas que os vêm consultar) O que a entidade não pode fazer, *ela manda o empregado fazer* por ela. Determinadas coisas que não podem ser feitas, então ela manda o empregado fazer. *Essa é a finalidade do Exu*. É o elemento ligado mais “terra-a-terra”.

Em uma outra ocasião, conversando com o mesmo pai-de-santo, pude confirmar a mesma idéia por outro ângulo. Perguntei-lhe:

— “Cada orixá tem um Exu, que fica dependendo dele, ou não?”

Nilo: — “Tem. Cada orixá tem o seu Exu. Não tem assim uma denominação. Ele invoca, pede e o Exu vai fazer. Geralmente os Exus que trabalham dentro do terreiro”.

A minha surpresa ante a especificação de serem “os Exus que trabalhavam dentro do terreiro” explicou:

Nilo: — “Tá ali, naquele círculo de trabalho do orixá, ou da entidade, do Preto-Velho, ou do Caboclo. Porque não é o orixá, e sim a entidade. O orixá tem os seus Exus que trabalham para ele, mas não se envolvem muito nessa parte. Quem manda é Preto-Velho e Cabloco, que são almas”.

Assim, o caráter primitivo de embaixador dos orixás, atributo do Exu africano, na Umbanda atual, foi rebaixado à condição de serviçal, empregado das entidades. Os orixás já não enviam recados e comunicações através dos Exus, “embora tenham os seus Exus, que trabalham para eles”. Não se dirigem mais aos homens mediante os exus, não só pela degradação a que foram submetidos, como por “não mais se envolverem com atendimento de pedidos de ordem material”. A degradação de Exu e a elevação aos Pretos-Velhos e “Caboclos” à categoria de entidades, ocupando o escalão intermediário entre eles e os Exus, levou os orixás a serem invocados apenas para atendimento de pedidos considerados “mais elevados” de ordem mais espiritual. Os pedidos de interesses materiais, de “limpeza”, de “afastamento de perturbação” dos filhos-de-santo, são endereçados aos “Pretos-Velhos”, “Caboclos” e “Crianças”.

Nilo: “O orixá, geralmente, a gente pede, quando a gente chega a pedir alguma coisa a um orixá, é pedir uma *saúde*, pedir uma *paz* para dentro de casa.

Geralmente quem faz esses “trabalhos” (de atendimento mais material) é “Preto-Velho”, o “Caboclo” e as “Crianças”.

É o que a gente pede, o público. É a consulta do público”.

Por não se envolverem mais em assuntos materiais, os orixás também estão deixando o contato com os Exus para atendimento dos pedidos de “limpeza das perturbações” na casa dos filhos-de-santo. A *aquiescência* aos pedidos é afeta aos “Pretos-Velhos” e “Caboclos”, cabendo aos Exus a *realização material da limpeza*, a mandado dos Pretos-Velhos e Caboclos.

Exu desceu na hierarquia das entidades de Umbanda. Não só não é mais tido por orixá, em diversos terreiros, como nem mesmo por mensageiro, de escalão inferior, do Olimpo africano. Foi reduzido à condição ínfima de simples empregado, encarregado dos serviços mais baixos, que à dignidade dos

“Pretos-Velhos” e “Caboclos”, e, com muito maior razão, dos Orixás, repugna fazer.

d) — *Exu-alma depravada*

Este novo rebaixamento de Exu à categoria dos “Exu-alma-depravada” é devido à progressiva identificação de Exu com as almas de pessoas falecidas, que em vida foram moralmente desregradadas.

Os atos imorais e perversos, praticados por uma pessoa durante sua vida terrena, são a origem de sua situação de *Exu-alma-depravada*, após a morte. Esta condenação dos desregramentos de vida está fundeada nos princípios cristãos difundidos no meio popular brasileiro. A ameaça evangélica de Cristo àqueles que usam egoisticamente as riquezas só em proveito próprio, inspira aos umbandistas a mesma condenação:

“Exus são almas de ricos e gananciosos que não souberam praticar a lei do amor” (Florisbela M. S. Franco — *Umbanda*, 123).

A vida sexual desregrada também tem o mesmo castigo:

“Geralmente o Exu é o quê?... Uma mulher decaída, uma prostituta, que levou uma vida de depravação. Então ela não deixa de ser um Exu”. (Nilo Maia).

Certa ocasião, quando pedia esclarecimentos sobre o Exu feminino Pomba-Gira, entidade habitual dos terreiros, nas sessões de Exus, saiu-se o Pai-de-Santo com a explicação acima. A atual Pomba-Gira não é outro senão o “*pombo-ngira*” o correspondente de Exu da “nação” Angola, anotado por Kochmeyer (*Candomblé S. Antônio*, XVII, p. 139).

Na versão corrente dos pais-de-santos, Pomba-Gira, fora, em vida, mulher de sete Exus. Estes Exus, homens que simultaneamente a possuíram na terra, eram desordeiros, bandidos, ladrões...

Nilo: — “Os Exus, compreendeu, o que pode ser? Um marinho vagabundo, um ladrão, um assassino, o que for, que nada mais é do que um Exu. É o elemento ligado terra-a-terra. É o elemento que viveu na terra”.

Pomba-Gira como prostituta, mulher de vida sexual desregrada, tornou-se o Exu mais procurado para assuntos sexuais, quer honestos, quer desonestos, como dizia uma das

vendedoras de artigos de Umbanda do Bazar Oxossi, à Rua Senhor dos Passos.

Ela atua, junto com todos os demais Exus, sobretudo, os que são tidos como relacionados diretamente com ela, no atendimento das questões sexuais dos consulentes dos terreiros. Com ela renasce o primitivo caráter fálico de Exu, que Nina Rodrigues considerava em vias de desaparecimento e Arthur Ramos já dava como desaparecido.

A Umbanda atual revigorou a astenia fálica de Exu, não na linha de uma evolução ininterrupta do primitivo caráter de Exu, mas devido à concepção espírita de *Exu* — *alma depravada*.

e) — *Exu* — *Pagão*

O processo degradativo de Exu ainda não parou. No terreiro se está formando uma faixa de Exus ainda mais baixa que a precedente. São os chamados *Exus-pagãos*, “Obsessores” ou “*espíritos-pagãos*”. Estes Exus são considerados pelos pais-de-santos como almas, não só depravadas, mas ainda *revoltadas*.

Nilo: — “*O Espírito pagão*” é o *exu*, digamos assim, que está numa fase ainda crua. Nada mais é que o “obsessor”. É um que não aceita uma doutrinação, que vem e não se convence daquilo. Então ele vem com aquela coisa, com aquelas mazelas, que ele passou na terra. E nós temos aí, nós umbandistas, nós, então, temos que fazer uma tremenda doutrinação nesse guia, nessa entidade”.

(Aqui “entidade” é sinônimo de “alma-depravada-revoltada”).

Da explicação do pai-de-santo percebe-se que os Exus desta categoria tiveram o mesmo tipo de vida terrena da classe anterior de Exus, desordenada moralmente, com um agravante, que os distingue da faixa precedente. Os do grupo anterior eram assassinos, prostitutas, bandidos, ladrões, que já aceitaram a sua condição de mortos. Os “*Exus-pagãos*”, “obsessores”, são depravados como os anteriores, mas ainda estão revoltados com o momento de sua morte. No além-túmulo não se reconhecem como mortos. Julgam-se vivos. Ainda querem agir como quando tinham corpo físico e viviam. Estão na fase da revolta, das trevas, “não têm luz”, como dizem os umbandistas. Quando se manifestam nos terreiros não acei-

tamã a doutrinação de que estão mortos e que “devem fazer o bem, a caridade, para se evoluírem”, segundo a concepção umbandística. Rejeitam estes conselhos. São rebeldes. Os Exus do grupo anterior já receitam, “fazem a caridade”, “dão consultas” dizem o próprio nome: “Exu-Caveira”, “Seu Sete-Catacumbas”, “Exu-Lalu”...

São chamados de *Pagãos* por associação à concepção do Cristianismo popular, onde o recém-nascido é considerado “pagão”, antes de ter recebido o nome, no batismo; assim, eles são “*Pagãos*” por não terem nome ainda, isto é, não darem o seu nome, quando “baixam” nos terreiros.

Nestas subcategorias de Exus, vê-se a influência das teses espíritas de Allan Kardec, popularmente adaptadas pelos umbandistas, às observações que vão fazendo dentro dos terreiros. Tentam com elas hierarquizar as diversas entidades introduzidas sincreticamente no panteão umbandístico. Esforçam-se por identificar e separar as diversas entidades, segundo as manifestações observadas nas sessões, ordenando-as hierarquicamente por um código de valores morais.

f) — *Exu-Traçado*

O processo de degradação de Exu se inverte, quando explicadas kardecisticamente as etapas de purificação dos mortos. Mesmo os Exus do mais baixo escalão “podem evoluir”, quando, “incorporados” nos médiuns, seus “cavalos” ou “burros”, “dão bons conselhos” e ajudam as pessoas que os consultam nos terreiros em suas dificuldades. Esta “ajuda”, considerada como “caridade”, fá-los progredir nos escalões do além-túmulo, passando da categoria de “*Exu-pagão*” para “*Exu-batizado*”; de Exu-batizado a “*Exu-Traçado*” — fase de transição entre o nível maléfico de “Exu-alma depravada” para o de “Preto-Velho”, ou “Caboclo” — evoluindo na etapa seguinte para “*Exu-coroado*”, ou “Exu-Orixá”. A posição de Exu-orixá é estacionária e corresponde à “chefe de falange” dos Exus. Os que atingem esta posição aí estacionam. Outros passam para a categoria de “Preto-Velho-puro” ou “Caboclo-puro”. Alcançada esta posição, nada mais têm da categoria de Exus. Não fazem mais o mal, nem são maus.

Esta rápida análise mostra como é complexa hoje a figura de Exu na Umbanda. Dos primitivos orixás nagôs, Exu é o que está sofrendo modificação ontológica mais profunda. É uma entidade em processo acelerado de transformação. Vai assumindo uma personalidade nova no panteão afro-brasileiro.

Das primitivas características observadas por Nina Rodrigues no começo do século: Exu, orixá fálico, malévolo e sincretizado com o diabo, que em Arthur Ramos conserva a conotação de orixá maligno, já perdido o aspecto fálico, foi tomando em Bastide a identificação com as almas dos mortos. Esta identificação de Exu com os Eguns, atualmente disputa, com a sua assimilação aos anjos-decaídos da narração bíblica, a primazia na sua caracterização, enquanto o aspecto fálico está voltando com toda força a ser um dos atributos principais de Exu.

Exu, hoje, está subdividido em categorias e graus progressivos de degradação ou de purificação. Partindo do "Exu-Pagão" ou "Obsessor", como grau mais baixo, Exu pode subir para "Exu-batizado", "Exu-coroado", "Exu-Traçado-com-Preto Velho" ou "Exu-traçado-com-Caboclo", atingindo, por fim, o nível de "Preto-Velho-puro" ou "Caboclo-puro". Nesta condição já deixou de ser Exu.

Rio de Janeiro, julho/1971.

*THE HISTORICAL EVOLUTION OF ESHU AND HIS
PRESENT SITUATION IN THE UMBANDA CULT IN
RIO DE JANEIRO*

Valdeli Carvalho da Costa, a Jesuit priest, teaches at the Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. His present work, in resumed form, was first presented to the Seminary of Afro-Brazilian Studies, which took place in that University, from 19 to 24 April, 1971.

Before settling the characteristics that African deity takes on nowadays in Rio de Janeiro, the writer summarizes the statements left by well-know ethnographers and anthropologists such as Nina Rodrigues, Arthur Ramos and Roger Bastide.

On making his exposition about Eshu's image at the Umbanda cult in Rio de Janeiro the Author expresses the opinion that Eshu is, nowadays, one of the most complex figures in the cult houses of Umbanda. Several features of his mythical character prone to vanish were revived. Such is the case of his phallic aspect. On the other hand, Eshu won the characteristics of a "fallen angel" in some cult houses of Umbanda, as well as of "a deceased person's soul". Some informants pictured the deity not as one of the Orishas, but as their servant.

The analysis undertaken by Valdeli Carvalho da Costa leads to the conclusion that Eshu is, at present, a complex figure and, among the traditional african Orishas brought to Brazil, is the one that undergoes the deepest ontological changes.

L' EVOLUTION HISTORIQUE ET SITUATION ACTUELLE D'ESU AU CULTE D'UMBANDA DE RIO DE JANEIRO

Le P. Valdeli Carvalho da Costa, prêtre jésuite, enseigne à la Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Son ouvrage, en forme abrégée, a été, initialement, présenté au Séminaire d'Etudes Afro-Brésiennes qui a eu lieu dans cette Université du 19 jusqu'à 24 d'avril, 1971.

Avant de fixer les caractéristiques que la divinité africaine prend actuellement au Rio de Janeiro, l'Auteur résume les opinions que des ethnographes et des anthropologues renommés, tels que Nina Rodrigues, Arthur Ramos et Roger Bastide, ont laissé sur cette divinité.

En faisant son exposition sur l'image d'Esu à l'Umbanda de Rio de Janeiro, l'Auteur manifeste l'opinion selon laquelle Esu est, au présent, l'une des plus complexes figures dans les temples d'Umbanda. Plusieurs traits de son caractère mythique qui tendent à disparaître ont été ravivés; tel est le cas de son aspect phallique. D'autre part, Esu a gagné les caractéristiques de "ange déchu" dans quelques terreiros d'Umbanda, ainsi que celles de "âme des morts". Quelques informants ont décrit la divinité, pas comme l'un des orisas, mais leur serviteur.

L'analyse accomplie par P. Valdeli Carvalho da Costa mène à la conclusion que Esu est, aujourd'hui, une figure, complexe et, parmi les orisas africaines, c'est lui qui éprouve la plus grande modification ontologique.